A beira e a porta

Por Walter Benjamin

Não houve virada súbita, nem frase decisiva que pudesse ser recuperada depois como prova. O que houve foi uma hemorragia subterrânea. Um modo de estar que, pouco a pouco, se tornou habitual para todos nós. Ela tinha oscilações de humor que passaram a ser tratadas como traço de personalidade. Períodos de recolhimento, depois uma energia repentina; uma inteligência afiada, irônica demais para a idade; uma capacidade estranha de perceber o que os outros não diziam. Nada disso parecia perigoso.

Na família, fomos nos adaptando. As explosões eram seguidas de longos silêncios, os silêncios por tentativas de retomada. Havia momentos de afeto intenso, quase sufocante, e depois um afastamento brusco, como se ela precisasse desaparecer por alguns dias. Isso foi se repetindo ao longo dos anos, até que deixou de provocar alarme. Aprendemos a conviver com aquilo como se fosse um clima instável, algo que se atravessa com cuidado, mas sem interromper a rotina.

Clarisse lia muito. Não de forma dispersa, mas concentrada, quase aplicada. Anotava palavras que ninguém usava, conceitos que pareciam grandes demais para qualquer a sua volta. Falava pouco sobre o que lia, mas deixava os livros abertos, sublinhados, como se quisesse que alguém percebesse, sem precisar explicar. Às vezes, dizia coisas que soavam definitivas demais. Não trágicas, mas conclusivas. Como se certos assuntos já estivessem resolvidos dentro dela.

Houve um verão em que tudo pareceu melhorar. Ela estava mais calma, mais presente. Ria com mais facilidade. Planejava coisas pequenas: rearranjar o quarto, escrever mais, talvez viajar. Isso nos tranquilizou. Interpretamos aquela estabilidade como superação, como maturidade. Ninguém suspeitou que pudesse ser outra coisa. A possibilidade de que aquela serenidade fosse apenas um assentamento final nunca nos ocorreu.

Eu era mais novo. Não tinha vocabulário para nomear o que sentia, mas havia algo que me inquietava. Não medo, exatamente. Uma atenção oblíqua. Eu a observava mais do que os outros, talvez porque não soubesse fazer outra coisa. Percebia pequenas diástases: o modo como ela se demorava demais em certos pensamentos, sobreatenção com algumas frases, a

maneira como organizava as coisas como se não fosse precisar voltar a elas. Lembro de uma noite comum. Nada aconteceu nela que pudesse ser isolado depois como sinal inequívoco. Jantamos, falamos pouco, cada um recolheu-se ao seu espaço. Clarisse passou por mim no corredor e pousou a mão no meu ombro por um segundo a mais do que o habitual. Não disse nada. Sorriu daquele jeito breve, de aspereza fria, que ela usava quando não queria ser interrompida. Eu senti algo ali, mas não soube agir. Não havia o que impedir.

Houve uma vez, apenas uma, em que eu a segui.

Era fim de tarde. O dia tinha passado sem nada que merecesse registro: conversas banais, uma normalidade um pouco forçada, aquele esforço coletivo de parecer bem que já tínhamos aprendido a executar na casa de nosso pai. Clarisse se levantou e disse que iria até a praia. Não falou em banho, nem em caminhar. Disse apenas que precisava ir. Levava uma mochila leve demais para quem pretendia ficar muito tempo fora.

Esperei alguns segundos antes de sair atrás dela. Não disse nada a ninguém. Não sabia formular o motivo. Apenas senti que precisava vê-la. O caminho até a areia era curto, atravessava um trecho de vegetação rala, depois se abria para o mar já escurecendo. O vento vinha de lado, irregular, e o som das ondas chegava mais alto do que o habitual.

Avancei rápido. Vi Clarisse à frente, andando com decisão excessiva, como quem já escolheu o destino e não quer pensar no trajeto. Chamei seu nome uma vez. Ela não respondeu. Chamei de novo. Dessa vez, ela se virou e gritou para eu voltar. A voz saiu firme, com renovada exasperação.

Continuei andando.

Ela parou. Ficamos a alguns metros um do outro. O mar estava pesado, a água escura, em movimento violento. Clarisse segurava a mochila como se fosse algo que pudesse ancorá-la ou libertá-la de vez. Disse, com irritação contida, que eu não devia estar ali. Que aquilo não era assunto meu. Que eu não entendia.

Eu não respondi. Permaneci parado, apenas ali. Senti uma afoiteza estúrdia, que não vinha de uma ausência de alternativa. Se eu recuasse, algo aconteceria, e eu sabia disso com uma alvura que nunca mais tive em nenhuma outra situação da vida.

Ela me olhou por alguns instantes longos. O rosto estava tenso, mas não havia raiva. Havia cansaço. Um cansaço antigo, que eu não tinha idade para compreender. Clarisse respirou fundo, olhou para o mar outra vez, depois desviou o olhar. Abriu a mochila, fechou. Repetiu o gesto.

Disse, então, quase num sussurro, que eu estava atrapalhando. Respondi que não iria embora. Não disse que queria salvá-la. Disse apenas isso: que não iria embora.

Ficamos assim por algum tempo. O vento, o som das ondas, o céu anuviando. Até que Clarisse se sentou na areia. Encostou os cotovelos nos joelhos e cobriu o rosto com as mãos. Chorou mansamente, com o corpo inteiro recolhido. Sentei ao lado dela, sem tocar.

Sua voz vinha baixa, derreada de já ter dito isso tantas vezes em diferentes línguas. Você ainda cuida da vida como quem cumpre um trabalho, juntando os dias em feixes, carregando uma lenha áspera que só pesa e não aquece. Você, que perdeu o nome nessas maresias, insiste nisso, nesse esforço agônico sem chama, como se em algum ponto fosse acender alguma coisa, mas segue levando o que não serve para fogo algum. Disse, secamente, que era assim que os dias iam ficando infecundos, trabalhosos demais para tão pouco calor.

Ficou um tempo em silêncio, olhando o mar, e depois continuou, mais lenta, como se pesasse cada palavra. No fim quase nada é nosso; a obra cansa, o ouro passa pelas mãos sem nunca nos pertencer, e usamos pouco do pouco que temos, como se vivesse sempre aquém da própria vida. Talvez bastasse menos, muito menos, mas não sabemos parar, não sabemos folgar, não sabemos deixar a vida ser curta e suficiente em sua pequeneza, ou mais exatamente, em sua miséria.

Respirou fundo, os ombros ainda curvados, e falou que um dia tudo isso perde o peso, que o que agora parece carregar o mundo se torna leve como sombra. É isso que viramos aos poucos – vultos antes da hora, cada vez mais distantes de si, caminhando sem perceber para esse encontro certo, essa turbidez que nos espera como um rio parado.

Reprimiu-se por um instante, talvez tendo medido o que acabara de dizer, e então se levantou. Queria voltar. Seguimos lado a lado, em silêncio, numa proximidade perigosa. Em certo momento, seu braço roçou o meu – um contato breve e um tanto involuntário –, trocamos um olhar pressuroso, um acanhamento mútuo, e seguimos assim mesmo, colados, enquanto o caminho decidia por nós. Eu quis, naquele momento, depois de ouvi-la falar daquele jeito, puxá-la para perto, abraçá-la de verdade, dizer alguma coisa que salvasse o que ainda restava. Dizer que aquilo passaria, que havia só uma névoa atravessando o dia, que a vida, de algum modo, nos encontraria mais adiante e nos daria um lugar onde coubéssemos. Mas titubeei ao lado dela, guardando minhas súplicas e fármacos existenciais covardemente.

Clarisse, por ansiedade ou constrangimento, recolhia pequenos cacos de vidro dióptricos, que o mar devolvia, mantendo-os entre os dedos com uma atenção terna. Disse-me então que,

certa vez, havia passado diante de uma casa erguida no limite de uma estrada sem nome. A casa tinha uma porta aberta, sempre aberta, e diante dela permanecia um homem imóvel, de roupas pesadas, como se guardasse algo precioso. Quem chegava podia olhar para dentro. Podia inclinar o corpo, ajustar os olhos à penumbra, procurar distinguir o que havia além. E todos viam alguma coisa – um brilho distante, uma radiância inextinguível, uma promessa que se insinuava sem se mostrar inteira.

Os viajantes, contou ela, aproximavam-se com cuidado. Alguns falavam com o homem, pediam passagem, explicavam o motivo da visita, como se o interior da casa exigisse algum pretexto. O homem ouvia com uma paciência inaudita, assentia levemente, e dizia que a entrada exigia preparo, que cada um deveria aguardar o momento exato. Oferecia um banco. Indicava o lugar à margem da porta. Ali se ficava.

Havia quem tentasse atravessar assim mesmo, forçadamente. Ao primeiro passo, o homem apenas erguia a mão, e o gesto bastava. Algo no ar se contraía e o viajante recuava. Os dias se acumulavam. Depois os anos. O homem continuava ali, sempre igual, e a porta mantinha-se aberta com a mesma indiferença. O interior da casa parecia mudar conforme o olhar de quem esperava: ora mais claro, ora mais fundo, ora mais próximo, como se se deixasse tocar por uma atenção que nunca se completava. Alguns entregavam ao guardião objetos que traziam consigo – moedas, ferramentas, cartas –, certos de que algo lhes faltava para atravessar. O homem recebia tudo com uma neutralidade aterradora; guardava sem examinar, e dizia que aquilo servia para aliviar o espírito de quem entregava. Com o tempo, disse Clarisse, os viajantes esqueciam a estrada por onde vieram. O homem à porta tornava-se a única medida do que impedira a passagem. Alguns começavam a murmurar sozinhos, outros conversavam com o pó que se acumulava ao redor dos pés, outros ainda fixavam os olhos no interior da casa até que o mundo se estreitasse naquele retângulo aberto.

Perguntei a ela o que havia lá dentro.

Clarisse apertou o fragmento de vidro entre os dedos.

Disse que, quando o primeiro dos viajantes já estava gasto pelo tempo, chamou o guardião para perto e perguntou por que ninguém mais, além dele, havia tentado entrar. O homem então se inclinou, como quem concede algo que sempre esteve disponível, e respondeu que aquela porta existia apenas para aquele que aguardava. Que sempre estivera ali para ele. E que, agora que o seu tempo se esgotava, seria fechada.

Clarisse parou por um instante. O mar avançava devagar sobre a areia, alcançando

nossos pés e recuando logo em seguida.

Disse, então, quase em tom distraído, que o mais curioso da história estava no fato de que, durante todos aqueles anos, ninguém havia atravessado a porta para verificar o que sustentava aquela promessa. Bastava o desenho do interior, a sugestão de profundidade, para manter cada um no seu lugar. Como diante de um vidro limpo demais: vê-se através dele, e essa transparência organiza o mundo, confere peso às coisas, sustém a espera. Passou o polegar sobre a superfície do caco, agora opaco de areia.

Acrescentou que, quando alguém enfim atravessa – e isso, disse ela, sempre acontece tarde demais –, encontra apenas a continuação da própria estrada, estendida com uma nitidez mais cruel.

Guardou o vidro no bolso do vestido e seguiu andando, sem voltar ao assunto. Eu a acompanhei, ainda tentando compreender onde terminava a história e onde começava o que ela queria dizer.

Naquela noite, ninguém soube de nada. Clarisse voltou a ocupar seu lugar na casa. Falou pouco, comeu pouco, dormiu. Nos dias seguintes, tudo pareceu retomar o curso. Interpretamos aquilo como melhora. Eu mesmo quis acreditar nisso.

Hoje sei que não a salvei. Só atrasei um pouco o rompante da tragédia. Toquei aquele momento como quem segura água nas mãos, e deixei escapar o resto – que já vinha antes de mim e seguiu depois. E isso me corrói de um jeito baixo, constante, porque foi naquela tarde, andando atrás dela, que algo em mim começou a apodrecer por dentro. Desde então carrego esse desgaste, como se tivesse envelhecido de um lugar que ninguém vê.

Depois, o que veio foi o que veio. Os adultos falaram baixo. Houve explicações práticas, procedimentos, palavras que tentavam ocupar o lugar do que havia cedido. Durante muito tempo, achei que não sabíamos nada dela. Hoje entendo que sabíamos demais, mas de forma errada. Vimos os sinais, mas os interpretamos como ruído. Confundimos lucidez com força, silêncio com equilíbrio, adaptação com cura. Clarisse não escondia. Ela apenas não dramatizava. E isso a tornou ainda mais invisível. Agora, relendo suas anotações, encontro aquela mesma precisão. Nenhuma palavra em excesso. Nenhum apelo. Apenas um pensamento que avançava sem pedir companhia. Clarisse esteve sozinha por muito tempo, e ninguém soube acompanhá-la até onde ela já tinha ido. Essa é a memória que me resta dela. Não penso na cena final, mas no percurso onde tudo foi se tornando possível. Eu a vejo ali, exuberante, uma presença intensa demais para caber no mundo que tínhamos preparado.

Digamos por dez segundos: Clarisse Clarisse Clarisse Clarisse Clarisse Clarisse Clarisse Clarisse Clarisse Clarisse Clarisse…